

APONTAMENTOS SOBRE GEOPOLÍTICA*

ARMANDO AMORIM FERREIRA VIDIGAL
Vice-Almirante (Re^l)

SUMÁRIO

Introdução	
Conceituação	
O nascimento da Geopolítica. A Escola Alemã	
	<i>Friedrich Ratzel</i>
	<i>Rudolf Kjellen</i>
	<i>Gen. Haushofer</i>
	<i>Rudolf Hess</i>
	<i>Adolf Hitler</i>
A Escola Francesa	
	<i>Paul Vidal de la Blanche</i>
	<i>Jean Brunhes</i>
	<i>Liclen Gallois</i>
A Geopolítica de Mahan e Mackinder	
	<i>Alfred Thayer Mahan</i>
	<i>Julian Stafford Corbett</i>
	<i>Halford John Mackinder</i>
A Geopolítica nos Estados Unidos	
	<i>Nicholas J. Spykman</i>
	<i>Ray S. Cline</i>
Potência Terrestre e Potência Marítima	
	<i>Raoul Castex</i>

(Continua)

* N.R.: Trabalho elaborado em novembro de 2001.

Geopolítica no Brasil

Gabriel Soares de Souza
 José Bonifácio de Andrada e Silva
 Alexandre de Gusmão
 Everardo Buckheuser
 Cap. Mário Travassos
 Ten. Cel. Golbery do Couto e Silva
 Terezinha de Castro
 Gen. Meira Mattos

Uma avaliação

INTRODUÇÃO

O contexto histórico em que surgiu a geopolítica é essencial para a sua compreensão. As origens da geopolítica estão no final do século XIX, embora o termo só tenha sido usado um pouco mais tarde, já na Primeira Guerra Mundial.

Em 1859, Darwin publicou sua obra magistral *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in The Struggle for Life*, estabelecendo os princípios da evolução como um padrão universal e o da seleção natural com base na sobrevivência dos mais fortes.

É ainda em meados do século XIX que o imperialismo domina o cenário político. A revolução industrial do final do século XVIII tinha criado as condições para que as nações que mais tinham avançado na industrialização percebessem a importância de controlar as fontes das matérias-primas necessárias à produção dos bens industrializados, e de expandir os seus mercados para

dar vazão a essa produção. O imperialismo justificava-se como um processo de seleção natural, em que os mais aptos tinham de dominar os menos capazes e dessa forma garantir a sua posição hegemônica.

O racionalismo científico do século XIX, que pode ser visto como a culminância do Iluminismo dos dois séculos anteriores, acabou gerando *inter alia* o determinismo, isto é, a teoria de que qualquer aconteci-

mento, mesmo quando se trata de uma escolha moral, é completamente determinado por causas previamente existentes.

É contra esse pano de fundo que nasce a geopolítica, inicialmente na Alemanha.

O imperialismo justificava-se como um processo de seleção natural, em que os mais aptos tinham de dominar os menos capazes e dessa forma garantir a sua posição hegemônica

CONCEITUAÇÃO

A geopolítica é proveniente do ramo da geografia conheci-

do como geografia política, um dos mais antigos da ciência da geografia.

Embora a palavra seja claramente formada por duas – “geografia” e “política” –, a “geopolítica” não é um outro nome, “geografia política”¹, indo muito além desta.

1 A geografia política limita-se ao estudo das áreas ou regiões politicamente organizadas do Estado e de como o posicionamento geográfico relativo dessas áreas condiciona a sua administração. Assim, são elementos importantes da geografia política: a posição da capital, das áreas industriais, das fronteiras, das áreas de concentração da população, das fontes de matérias-primas e de outros recursos naturais, e assim por diante. A palavra-chave nesse ramo da geografia é “posição”.

O termo surgiu na Alemanha, durante a Primeira Guerra Mundial. No período entre guerras, espalhou-se pela Europa Central, e depois pelo resto do mundo. Como essas idéias eram basicamente as da escola alemã, que serviu de base intelectual para o nacional-socialismo, após a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, ela perdeu a primazia que havia mantido por mais de 20 anos, dando lugar a uma nova geopolítica mais científica e menos determinística. Alguns importantes geógrafos, devido às conotações pouco científicas da escola alemã, recusam o nome de geopolíticos.

Nesse período inicial da geopolítica, só não se pode falar de monopólio da escola alemã devido à existência de uma escola francesa, que, como a alemã, partiu das idéias de Ratzel. Os conceitos do grande geógrafo alemão influenciaram grandemente um excepcional grupo de estudiosos da geografia humana na França, que, entretanto, nos seus sistemas de geografia social, recusaram-se a seguir os geopolíticos alemães no perigoso caminho do determinismo ambiental.

A escola alemã define que a geopolítica é o estudo de como o ambiente natural e os fatores geográficos afetam a política nacional. Essa definição simples e aparentemente inócua serviu de base para o movimento germânico, de caráter expansionista e ultranacionalista.

O General Golbery, após analisar opiniões divergentes, e às vezes incoerentes em si mesmas, assim definiu a geopolítica:

“Geopolítica é sobretudo uma arte – arte que se filia à Política e, em par-

ticular, à Estratégia ou Política de Segurança Nacional, buscando orientá-las à luz da Geografia dos espaços politicamente organizados e diferenciados pelo homem. Seus fundamentos se radicam, pois, na Geografia Política, mas seus propósitos se projetam dinamicamente para o futuro.”

É fundamental observar – e nenhuma das definições apresentadas torna óbvio o fato – que os conceitos geopolíticos decorrem em larga escala da análise dos eventos históricos e da geografia política; é a análise histórica que dá à geopolítica o seu dinamismo, já que o componente geográfico das relações internacionais é, quase sempre, de caráter permanente. A aceitação desse princípio tirará muito do dogmatismo de certos geopolíticos que pretendem ignorar a diferença entre as circunstâncias político-estratégicas do momento e aquelas que predominavam à época em que os conceitos foram emitidos.

O NASCIMENTO DA GEOPOLÍTICA.

A ESCOLA ALEMÃ

O geógrafo alemão **Friedrich Ratzel** (1844-1904), com bons conhecimentos de ciências naturais, especialmente biologia, é reconhecido como o criador da geopolítica, embora, conforme já dito, o termo só aparecesse depois de sua morte.

Influenciado pela teoria evolucionista do universo, ele reavaliou a geografia de sua época. Em seu trabalho, ele comparou o Estado a um organismo, embora sempre tivesse deixado claro que se tratava ape-

No determinismo, qualquer acontecimento, mesmo quando se trata de uma escolha moral, é completamente determinado por causas previamente existentes

nas de uma metáfora, útil para o estudo do Estado.

Todo seu trabalho, apresentado com forte conotação filosófica, foi classificado como geografia política. Os principais são *Antropogeografia*, *Geografia Política*, *História da Humanidade*, entre outros, mas o seu pequeno ensaio *Lebensraum*, de 1901, é muitas vezes citado como tendo sido a origem da geopolítica.²

Ratzel foi, posteriormente³, muito criticado como geógrafo, devido, principalmente, ao uso indevido de suas lições pela escola alemã; seus críticos não levaram em conta que as mesmas lições serviram para orientar a escola francesa, de características completamente diferentes.

A maior parte da obra de Ratzel é controvertida, tanto académica como politicamente. Nacionalista violento, embora um tanto quanto ingênuo, ele foi um erudito honrado que tentou não só dar unidade ao trabalho geográfico, mas, também, alinhá-lo com a ciência da época. Seus erros foram erros honestos, o que não pode ser dito de alguns de seus seguidores.

Rudolf Kjellén, cientista político sueco, viu nos trabalhos de Ratzel sobre política a conexão lógica entre a ciência natural e a ciência política.

Ao apresentar seu sistema teórico de governo, no livro *O Estado como um Organismo* (1916), usou pela primeira vez o termo "geopolítica", ao se referir a um dos cinco aspectos básicos do seu sistema.⁴

Não tendo o mesmo treinamento de Ratzel, relativamente à rigorosa disciplina da ciência natural, ele deixou de lado a cautela e declarou categoricamente que o Estado **era** um organismo, passando a atribuir-lhe características biológicas, como crescimento, decadência, morte etc.

Para Kjellén, o Estado, sendo um organismo, tem um poder de ação independente e superior ao dos grupos humanos ou dos indivíduos que o habitam. O conceito de superioridade do Estado sobre os indivíduos estava plenamente de acordo com a pregação dos filósofos alemães prerdarwinistas, como Fichte, Hegel e Schlegel.

Desta forma, Kjellén fez uma ligação entre a filosofia política alemã e a ciência natural evolucionista.

Como, à época, a ciência natural era considerada quase que com a mesma autoridade da revelação, a teoria geopolítica de Kjellén transformou-se num poderoso instrumento para moldar

a política do Estado, dando-lhe autoridade pelo seu caráter "científico". Após a tradução de sua obra para o alemão, o que só ocorreu em 1917, suas idéias dominaram o pensamento político alemão por cerca de 20 anos, com conseqüências consideráveis para a Alemanha e para o mundo.

O General Haushofer (1869-1946) liderou o grupo de intelectuais alemães – geógrafos, cientistas políticos e jornalistas – que abraçaram as novas idéias, e tornou-se a própria encarnação da geopolítica.

Haushofer afirmava que o Estado alemão era um organismo que vinha crescendo constantemente por séculos e que deveria continuar se expandindo até absorver toda a Terra

2 Para muitos analistas, porém, o pequeno ensaio foi apenas uma tentativa de estudar a biogeografia.

3 Tendo seus ensinamentos servido de base para a escola alemã, que deu o arcabouço teórico para justificar o expansionismo alemão, a crítica, embora injusta, é compreensível.

4 Os outros quatro aspectos eram "ekonomo-politik", "demo-politik", "socio-politik" e "krato-politik".

Abraçando a teoria organicista do Estado de Kjellén, consagrou o termo geopolítica para o novo ramo da geografia ao qual dedicaria toda a sua vida.

A partir dos fatos da história alemã, da sua interpretação das idéias de Ratzel e de algumas teorias de governo de Kjellén, Haushofer afirmava que o Estado alemão era um organismo que vinha crescendo constantemente por séculos e que deveria continuar se expandindo até absorver toda a Terra.

Para ele, as fronteiras políticas de um Estado marcam meramente a parada temporária da nação em armas na sua marcha para a expansão territorial sem limites.

Como professor de geopolítica na Universidade de Munique, a partir de 1919, chefiou um grupo de discípulos onde havia diversos jornalistas, o que lhe proporcionou enorme publicidade, ajudando a difundir suas idéias. Em 1924, aumentou a sua influência, lançando o *Jornal da Geopolítica*, mensal, do qual foi editor e, indubitavelmente, de muito o maior colaborador.

Breve, sua influência era imensa. Sua técnica de criar *slogans*, repetidos infindavelmente, era extremamente eficaz, dominando a consciência da sociedade alemã. *Espaço vital* – “*Lebensraum*” – serviu de fundamento para alguns dos *slogans* de Haushofer. Para ele, a geopolítica era um instrumento para a renovação da Alemanha e o estado de guerra era a condição normal da humanidade.

A estreita relação do geopolítico com o Estado-Maior alemão deu-lhe oportunida-

de para mostrar aos militares a necessidade de um conhecimento amplo da geografia mundial para perseguir com sucesso uma estratégia e uma política, componentes essenciais da condução da guerra.

Para Haushofer, a guerra deveria ser sempre total.⁵ Desse conceito surgiu a geoestratégia, na teoria um ramo da geopolítica que constitui o seu núcleo central; segundo ela, a guerra é um fenômeno total, envolvendo toda a população e todos os recursos dos Estados litigantes.

Graças à geoestratégia, a Alemanha foi o primeiro país a ver que o poder aéreo podia ter um lugar ao lado do poder naval e do poder terrestre na estratégia militar.

A geoestratégia foi o tema principal dos geopolíticos durante os anos de total predomínio da escola alemã.

Sem dúvida, o famoso livro de Hitler *Mein Kampf* – *Minha*

Luta – contém algumas idéias de Haushofer, principalmente quando trata das relações exteriores.

Entretanto, a influência dos geopolíticos da escola alemã, especialmente de Haushofer, sobre o nacional-socialismo tem sido exagerada. O conceito de “*lebensraum*” era parte importante das idéias da direita alemã na República do Weimar e mesmo antes, desde a década de 1890, constituindo o arcabouço ideológico fundamental da Liga Pangermânica, antes, portanto, do surgimento da geopolítica.

Para a Liga, o “*lebensraum*” tanto significava a expansão da Alemanha para o Leste europeu – idéia que tinha grande valor simbó-

Para Haushofer, as fronteiras políticas de um Estado marcam meramente a parada temporária da nação em armas na sua marcha para a expansão territorial sem limites

5 Conceito amplamente defendido por Luddendorf ao fim da Primeira Guerra Mundial.

lico, pela evocação da conquista das terras eslavas pelos cavaleiros teutônicos durante a Idade Média⁶ –, como a incorporação ao Reich alemão das terras espalhadas pela Europa Oriental onde viviam populações de origem alemã (*Volksdeutsch*). Com essas idéias, coexistia o sonho imperialista de conquistar colônias d'além-mar (*Weltpolitik*), tendência aliás de todas as principais potências da época. A visão inicial de Hitler sobre política externa era convencionalmente pangermânica.⁷

O General Haushofer retornou à Alemanha em 1911, depois de três anos em Tóquio como adido militar. Após o armistício, lecionou em Munique, tornando-se, como já vimos, o grande arquiteto da geopolítica. Para ele, a existência de um povo dependia do espaço sob seu domínio ("*lebensraum*") e a salvação da Alemanha dependia da sua auto-suficiência.

No início dos anos 1920, **Rudolf Hess** foi discípulo de Haushofer em Munique e tornou-se um fervoroso admirador dele, um sentimento só comparável ao fascínio que sobre ele exerceria Hitler. A vontade de Hess de unir os seus dois ídolos era natural, mas o maior obstáculo para essa reunião era o fato de Haushofer ser casado com a filha de um comerciante judeu, o que o tornava suspeito para Hitler.⁸

Depois da condenação de **Adolf Hitler** pelo fracassado *putsch*, Hess, que também participara mas estava foragido, a conselho de Haushofer apresentou-se e compartilhou com Hitler a prisão em Landsberg, ajudando-o na redação do *Mein Kampf*. Hess escrevia a ditado de Hitler e era ainda encarregado de datilografar posteriormente o texto. A troca de idéias entre os dois prisioneiros certamente foi intensa e, através de Hess, as idéias de Haushofer chegaram a Hitler. É bastante provável ainda que Hitler tenha lido alguns tra-

balhos e artigos de Haushofer e mesmo de Ratzel e de Mackinder, pois Haushofer visitava Hess, trazendo-lhe livros e artigos sobre Ciência Política e Geopolítica. Algumas vezes, Haushofer via Hitler, mas, segundo alegou mais tarde, nunca desacompanhado.⁹

A alegação de Haushofer, durante o julgamento dos líderes alemães no tribunal de Nuremberg, de que suas obras não teriam influenciado o pensamento de Hitler porque este nunca as entendera deve ser considerada como uma defesa contra a ameaça de uma possível punição.¹⁰ Para ele, a falta de cultura de Hitler fazia-o desconfiar de pessoas que tinham uma formação científica.

É bem possível que Hitler tivesse reservas quanto a Haushofer pelo fato deste ser

A geopolítica é um instrumento para a renovação da Alemanha e o estado de guerra condição normal da humanidade

Haushofer

6 A suástica foi por muito tempo o símbolo dos cavaleiros teutônicos.

7 "Hitler, 1889-1936, Hubris", Ian Kershaw, W.W. Norton & Company, New York/London, 1999, 845p.

Na maior parte das regiões da Europa Oriental visadas pela Alemanha – como partes da Polônia situadas fora do perímetro urbano das grandes cidades e que tinham estado sob ocupação da Prússia antes de 1918 –, os alemães constituíam minorias insignificantes. Noutras regiões, porém – como Dantzig, alguns portos do Báltico ou na região da Tchecoslováquia, que mais tarde seria conhecida como Sudetolândia –, a população de origem alemã era numericamente expressiva e ferozmente nacionalista.

8 Toland, John. *Adolf Hitler*, Francisco Alves Ed., RJ, 1978, 2 vol. 1.114p.

9 *ibidem*.

10 Kershaw, op. cit.

casado com uma judia, mas, também, pelo fato dele ter considerado o *putsch* liderado por Hitler como um trágico erro e de querer convencer Hess a perseguir uma carreira acadêmica, afastando-o da política.¹¹

Há uma clara diferença de enfoque entre Hitler e Haushofer relativamente ao nacional-socialismo. Enquanto Hitler enfatizava o seu aspecto social – para ele, a história da humanidade nada mais era que a história das lutas raciais –, Haushofer, influenciado pela sua situação familiar, preferiu dar destaque aos aspectos territoriais – a necessidade de expansão da Alemanha para garantir o seu “espaço vital”. Embora sua aceitação do racismo fosse apenas formal, permitiu a publicação de artigos que incorporavam a filosofia racial do Terceiro Reich.

Quando o **partido nacional-socialista** tomou o poder em 1933, a geopolítica logo obteve sanção oficial, tornando-se pouco mais do que uma fórmula

para justificar as guerras de conquista da Alemanha. O nacional-socialismo tomou de Kjellén o termo “autarquia”, isto é, o conceito de auto-suficiência nacional; de Ratzel, o conceito de “espaço”, focado na expressão “*lebensraum*”, espaço vital; de Mackinder, um estudioso sério da geografia política, de quem falaremos adiante, o conceito de “*heartland*”, o coração da terra, uma visão da terra como que dividida em dois campos – o poder terrestre-interior, representado pela Eurásia, e o poder marítimo costeiro das terras periféricas, aí incluídos todos os demais continentes (se a Alemanha, segundo pensavam os seus geopo-

líticos, conquistasse o “coração da terra”, seria senhora do mundo).

Com a queda da Alemanha, a geopolítica perdeu todo o prestígio e os estudos legítimos em geografia política que ainda existiam na Alemanha perderam a credibilidade, fazendo com que ela não acompanhasse os desenvolvimentos que tiveram lugar em outros países, como nos Estados Unidos e na Inglaterra.

A escola alemã teve enorme influência em toda a Europa Central e em países como a Itália, a Espanha e o Japão.

A **Itália fascista** identificou-se facilmente com a geopolítica, que dava base intelectual

para as idéias expansionistas de Mussolini. A pretensão do Mediterrâneo se tornar um mar exclusivamente italiano – *mare nostrum* – decorre de um raciocínio geopolítico. Os geopolíticos alemães, porém, não tiveram dúvidas em apontar uma série de fraquezas inerentes à Itália

A guerra é um fenômeno total, envolvendo toda a população e todos os recursos dos Estados litigantes

Haushofer

como candidata à condição de grande potência, além do fato de que ela estava no caminho imediato da expansão germânica. A geopolítica, na verdade, nunca teve muito prestígio com a maior parte do povo italiano.

A geopolítica da escola alemã gozou também de muito prestígio **na Espanha franquista**, ultranacionalista, mas foi apenas **no Japão** que os dogmas da geopolítica foram abraçados com a mesma intensidade do que na Alemanha. O programa japonês de “ocidentalização”, que teve início em 1868, sob inspiração dos princípios da geopolítica e com base na tradição militarista japonesa, gerou uma política nacional ni-

¹¹ Toland, op. cit.

tidamente expansionista, não só a nível continental, mas, também, mundial. Incontestavelmente, os objetivos da geopolítica se coadunavam com a mentalidade japonesa. Havia, porém, o risco do Japão e da Alemanha entrarem em choque, se ambos os países tivessem êxito em seus programas de expansão, já que eles se sobrepunham.¹²

A **teoria marxista-leninista** opõe-se vigorosamente a reconhecer qualquer influência na vida dos Estados e das sociedades provocada pelo ambiente natural, e o determinismo geográfico não tem qualquer lugar no seu sistema. O determinismo marxista está ligado ao sistema de produção. Não é, pois, surpreendente que os geógrafos

soviéticos, durante o período da guerra fria, como J.W. Semjonow, nos seus violentos ataques contra a "geopolítica fascista", fossem muito além da crítica aos geopolíticos da escola alemã, incluindo na mesma categoria todos os escritores de renome nos Estados Unidos e Inglaterra que escreveram sobre geografia política, tachando-os de representantes do imperialismo e do colonialismo ocidentais.

A ESCOLA FRANCESA

Na França, os escritos de Ratzel exerceram enorme influência num grupo de notáveis pesquisadores de geografia humana, como Paul Vidal de la Blanche, Jean Brunhes e C. Valloux. Esse grupo, embora incorporando várias idéias de Ratzel nos

seus sistemas de geografia social, recusou-se sempre a seguir os geopolíticos alemães no perigoso caminho do determinismo ambiental.

Paul Vidal de la Blanche (1845–1918) deu o novo tom para os estudos geográficos na França, na sua aula inaugural na Sorbonne, em 1899. Ele expressou-se em oposição a qualquer determinismo rígido a respeito da relação entre as atividades humanas e o meio ambiente físico. Ele reconhecia o homem como agente ativo, atuando num cenário que oferecia tanto possibilidades como obstáculos. Vidal de la Blanche estava convencido de que o melhor caminho para prosseguir nos estudos

Graças à geoestratégia, a Alemanha foi o primeiro país a ver que o poder aéreo podia ter um lugar ao lado do poder naval e do poder terrestre na estratégia militar

geográficos era focalizar a atenção em setores relativamente pequenos, em que se deveria examinar em detalhes a diferenciação real que resulta dos processos físicos e humanos.

Sua influência foi grande e a maioria dos geógrafos franceses que o sucedeu ou foi

seu aluno ou aluno de seus alunos.

Seu maior discípulo foi **Jean Brunhes** (1869–1910), cuja *Geografia Humana* é popular tanto em inglês como em francês.

Os discípulos de Vidal de la Blanche mostraram admirável unidade de propósitos e tiveram notável desempenho.

Vidal de la Blanche foi o responsável pela formulação dos planos originais de uma grande Geografia Universal; após sua morte, o projeto foi continuado por seu discípulo **Lucien Gallois**.

12 A grande admiração de Haushofer, o líder da escola alemã, pelo Japão – afinal ele foi adido militar em Tóquio de 1908 a 1911 e, entre 1913 e 1938, escreveu seis livros sobre o Japão – contribuiu significativamente para a sua popularidade no país. A tradução de algumas obras de Haushofer para o japonês deu margem para que surgisse um grupo entusiasmado de geopolíticos naquele país.

A escola francesa teve influência mundial, influenciando até mesmo Ratzel, cujas idéias serviram de base tanto para a escola alemã como para a francesa.

No Brasil, geógrafos foram especialmente ativos ao escreverem geografias regionais seguindo os ditames da escola francesa. A presença no Brasil de alguns renomados acadêmicos franceses, como Pierre Deffontaines e Pierre Mombeig, bem como do germano-americano Leo Waibel e de diversos outros geógrafos americanos, foi responsável pela introdução de técnicas de levantamento de campo e inventário de recursos.¹³

A GEOPOLÍTICA DE MAHAN E MACKINDER

Mahan está para o poder marítimo assim como Mackinder para o poder terrestre.

Alfred Thayer Mahan (1840–1914) publicou duas obras notáveis: *The Influence of Sea Power Upon History, 1660-1783*, em

1890, e *The Influence of Sea Power Upon The French Revolution and Empire, 1793-1812*, em 1892, sendo, portanto, um precursor em termos de geopolítica, embora o seu trabalho não tenha sido influenciado pela ciência natural, como o dos geopolíticos alemães, mas pelos fatores geográficos e históricos.

Americano, defendia a idéia de que, se os Estados Unidos desejassem se transformar

numa grande potência e assegurar a sua prosperidade e segurança no futuro, deveriam garantir para si os meios necessários para conquistar o domínio do mar.¹⁴ Essa convicção decorria de sua análise de como a Inglaterra, graças ao domínio do mar, havia conquistado riqueza e grandeza, montando um império onde “o sol nunca se punha”:

“Difícilmente pode ser negado que o domínio incontestado do mar pela Inglaterra, durante quase todo o período que escolhemos para estudo (1660-1783), foi de longe o principal fator militar que determinou o resultado final.” [trad.nossa]¹⁵

Sem acesso ao mar, uma nação necessariamente deverá enfraquecer e desaparecer, pois “a superfície terrestre é toda obstáculos e o mar é uma planície aberta”.

Mahan

O conceito de Poder Marítimo de Mahan – “*Sea Power*” – é a

chave para o entendimento de sua obra. Para ele, Poder Marítimo é o conjunto de elementos de toda ordem capazes de assegurar a uma nação o completo uso do mar e, eventualmente, negar ao inimigo do momento esse uso. Frota mercante, portos, estaleiros para construção e reparo de embarcações, frota de pesca, legislação adequada, agências comerciais e, finalmente, uma frota de

**Sem acesso ao mar, uma
nação necessariamente
deverá enfraquecer e
desaparecer, pois “a
superfície terrestre é toda
obstáculos e o mar é uma
planície aberta”**

13 O Instituto Pan-americano de Geografia e História, da Organização dos Estados Americanos (OEA), planejou e coordenou a feitura de uma série de volumes de geografia a respeito dos países americanos, de acordo com os ensinamentos da escola francesa.

14 Suas idéias tiveram grande repercussão inicial na Inglaterra, mas serviram de base da política norte-americana quando Theodore Roosevelt, seu amigo e admirador, tornou-se Presidente dos EUA.

15 Mahan, Almirante Alfred Thayer. *The Influence of Sea Power Upon History – 1660-1753*, Sagamore Press Inc., New York, 1957, 496p.

guerra cuja principal tarefa é a proteção do tráfego marítimo nacional ou, eventualmente, o ataque ao tráfego marítimo do inimigo são os elementos que, quando presentes da maneira adequada, contribuem para a existência do Poder Marítimo. O componente militar do Poder Marítimo, isto é, o Poder Naval, está para o Poder Marítimo como o Poder Militar para o Poder Nacional.

Segundo Mahan, seis fatores fundamentais afetam o desenvolvimento do Poder Marítimo: posição geográfica, conformação física, extensão do território, população, caráter nacional e caráter do governo.

Já em 1889, Mahan tinha uma visão nítida da importância do Caribe para os EUA:

"Se algum dia for construído um canal centro-americano, o Caribe deixará de ser um ponto terminal e uma área de tráfego local ... transformando-se em uma das mais importantes rotas marítimas do mundo."

E propõe uma diretiva político-estratégica para o seu país, visando à obtenção do controle daquela área.

Para Mahan, três elementos representam a chave para a interpretação da história das nações que bordejam o mar: a produção nacional, criando a necessidade de intercâmbio com os demais países; a frota mercante, veículo necessário para o transporte dos produtos que serão trocados; as colônias, que facilitam e ampliam a atuação dos navios que transportam as mercadorias, além de aumentarem a segurança da operação.

Mahan influenciou o desenvolvimento das principais Marinhas do mundo no período de 1900 a 1910, inclusive a da Alemanha (o Kaiser Guilherme II não escondia sua admiração por ele) e a do Japão. Mahan

é menos estrategista naval, área em que foi muito influenciado por Antoine Henri Jomini, do que geopolítico. O título de maior estrategista naval, por justiça, fica com **Sir Julian Stafford Corbett** (1854 – 1922).

O passar do tempo modificou o quadro visualizado por Mahan: a evolução tecnológica alterou as características dos navios, de modo que eles passaram a poder permanecer no mar por períodos mais prolongados, e as transformações políticas e econômicas mudaram o comércio internacional, permitindo a navios de todas as bandeiras o uso dos portos em tempo de paz, diminuindo assim a importância das colônias. Na guerra, graças às novas tecnologias, os navios podem operar a grandes distâncias de suas bases de apoio, devido não só às suas melhores características, como já assinalado, mas à existência do apoio logístico móvel.¹⁶

Sir Halford John Mackinder (1861 – 1947), importante geógrafo inglês, é o contraponto de Mahan.

Tornou-se famoso pelas obras publicadas entre 1904 a 1919. Na primeira dessas obras – *O Pivô Geográfico da História* (1904) –, ele avaliou a antiga ruptura existente entre a "área interior" e a área costeira, entre as regiões acessíveis às hordas a cavalo e aos marinheiros, respectivamente. Ao estudar os conflitos entre esses diferentes povos, considerou a Rússia como representando o poder da "área interior", o "heartland", o "coração do mundo".

O seu conceito de "heartland" tem variado ao longo do tempo e não apenas em função das diferentes interpretações dos seus comentaristas, mas, também, da evolução do pensamento do próprio Meckinder. Inicialmente, Mackinder con-

16 A Guerra das Malvinas mostrou que a frota inglesa operou com grande eficácia a mais de 8.000 milhas marítimas de suas bases principais na Inglaterra e a mais de 4.000 milhas de sua base avançada na Ilha de Ascensão. Ver Vidigal, Armando. "Conflito no Atlântico Sul", *Revista Marítima Brasileira*, nº 107 (10/12); out/dez 1987.

siderava a Área Pivô como uma região onde as forças terrestres teriam mobilidade, mas que era inacessível ao poder marítimo.

O termo "heartland" é usado apenas uma vez. O "Crescente Interior ou Marginal" era constituído pelo restante da Eurásia (em 1914 ele chamaria parte desse Crescente de "áreas costeiras").

Para Mackinder, o ¼ da superfície terrestre ocupado pelo solo firme, inserido nos ¾ ocupados pelo "oceano mundial", compreende a "Ilha Mundial" (metade de toda a superfície terrestre), que abrange a Europa, a Ásia e a África, sendo que a outra metade compreende o continente americano e a Antártida.

Diz ele na sua obra de 1904:

"A alteração do equilíbrio de poder em favor do Estado-pivô, com a resultante expansão sobre as áreas marginais da Eurásia, irá permitir a utilização dos enormes recursos continentais para a construção de navios, e o império mundial estará à vista."

Assim, a apresentação clássica do conceito de Mackinder expressa nitidamente a influência dos condicionantes geográficos no cenário das relações internacionais:

*"Aquele que dominar a Europa Oriental controlará o Heartland;
aquele que dominar o Heartland controlará a Ilha Mundial;
aquele que dominar a Ilha Mundial controlará o Mundo."*

Na obra de 1919 – *Idéias Democráticas e Realidade* –, o termo "heartland" passa a ser usado definitivamente como sinónimo de Área Pivô, mas os seus limites expandiram-se até incluir a maior parte da Europa Oriental. Ele considera que a "cida-

dela", o "heartland", seria abastecida também com os recursos materiais e humanos da Europa Oriental e não apenas com os da Área Pivô original (praticamente a Rússia).

A obra de 1919 reafirma o conceito de Ilha Mundial (Eurásia + África) e denomina a área africana ao sul do Saara de "Heartland Sul" e as áreas terrestres que compõem o "Crescente Exterior" de "satélites" da Ilha Mundial.

Em 1943, Mackinder altera mais uma vez a sua definição:

"... é bastante correto dizer que o território da União Soviética é equivalente ao Heartland exceto em uma direção [a área da Sibéria a leste do Rio Yenisei]."¹⁷

Para ele, assim como para Mahan, o Poder Marítimo apoia-se na área terrestre e o tamanho, a população e a capacidade de produção dessa área terrestre têm influência sobre a dimensão do Poder Marítimo resultante. Para Mackinder, diferentemente do que para Mahan, os grandes aperfeiçoamentos dos transportes terrestres deram a este maior capacidade e flexibilidade, que antes eram inerentes aos movimentos através dos mares.

A interpretação das idéias de Mackinder por Haushofer (veja p. 00) serviram de inspiração para a Alemanha, cujo avanço para o leste visava à conquista do Heartland.

A GEOPOLÍTICA NOS ESTADOS UNIDOS

À exceção de Mackinder, considerado como um respeitável intelectual versado em geografia política, os intelectuais ingleses e americanos, independente de qualquer análise, desprezaram a geopolítica – para eles, a escola alemã – como não-científica

17 Após o Tratado da União de 1922, foi criada a União Soviética, compreendendo, além da República Russa, uma série de outros Estados, como Ucrânia, Arménia, Azerbaijão, Cazaquistão, Geórgia etc., além dos Estados Bálticos, Estónia, Letónia e Lituânia. É compreensível, portanto, a nova posição de Mackinder.

e indigna de estudo por parte de intelectuais sérios. Durante os 20 anos em que Haushofer e os demais geopolíticos alemães espalhavam sua influência pela Europa, os estudiosos de língua inglesa não tiveram acesso à literatura sobre geopolítica (para eles, Mackinder era um competente profissional de geografia política e não geopolítico). Com o início da Segunda Guerra Mundial, finalmente os principais trabalhos da escola alemã foram traduzidos para o inglês. A partir de 1940, numerosos artigos e um sem-número de comentários e editoriais apareceram tratando de geopolítica. O termo passou a ser empregado sem explicações adicionais ou pedidos de desculpas. Essa plena aceitação do termo "geopolítica" pelo público que lê inglês tornou-o útil para expressar um conceito mais universal que o movimento alemão que o criou. É fora de dúvida que Mahan foi o primeiro geopolítico dos Estados Unidos, mas ele era considerado, por amplos setores da intelectualidade americana, acima de tudo um estrategista naval, embora, indubitavelmente, os princípios por ele estabelecidos fossem geopolíticos e, em alguns aspectos, prenunciasses os de alguns geopolíticos alemães. As idéias de Mahan foram usadas pelo Kaiser Guilherme II para justificar a ampliação da frota de guerra alemã antes da Primeira Guerra Mundial, em apoio à política expansionista alemã; pelos militares japoneses, que, graças à correta aplicação dos conceitos mahanianos, conseguiram derrotar na Batalha Naval de Tsushima (1910) uma po-

tência muito superior, como era a Rússia; além, é óbvio, pelos Estados Unidos, conforme mostrou a guerra contra a Espanha (1898), onde as duas esquadras americanas conseguiram importantes vitórias nos dois oceanos em que o conflito se travou, assegurando a posse das Filipinas, de Porto Rico e a "libertação" de Cuba.

Sob a brilhante, embora nem sempre objetiva, liderança de **Nicholas J. Spykman** surgiu durante a Segunda Guerra Mundial uma geopolítica americana.¹⁸

No seu livro *A Estratégia Americana na Política Mundial*, de 1942, ele adota os conceitos geopolíticos básicos de Mackinder, mas lhes dá uma interpretação diferente. Para ele, as regiões geopolíticas não são regiões geográficas definidas por uma topografia fixa e permanente: elas são definidas, por um lado, pelo aspecto geográfico e, pelo outro, pelo dinamismo inerente à vida da região.

Assim, ele dá uma nova feição à fórmula clássica de Mackinder:

"Quem dominar as áreas costeiras controlará a Eurásia; quem controlar a Eurásia dominará os destinos do mundo."

Spykman não aceita que os conflitos sejam baseados num confronto entre poder marítimo e poder terrestre:

"... Nunca houve, realmente, uma oposição simples – poder terrestre versus poder naval. O agrupamento

18 É verdade que o conceito de "destino manifesto" que empolgou os EUA em meados do século XIX já tinha bases geopolíticas. Em dezembro de 1845, o editor do *New York Morning News* escreveu num editorial: "... é nosso destino manifesto espalharmo-nos e ocuparmos todo o continente que a Providência nos deu para o desenvolvimento do grande experimento da liberdade e do autogoverno federativo." Essa palavra de ordem dominou a mente dos americanos: era a missão dos EUA espalhar as bênçãos da liberdade, das instituições americanas e da igreja protestante por todo o continente. Sob a inspiração dessa idéia, primeiro o Texas e depois o Oregon foram incorporados ao território americano. Acredito que o "destino manifesto" é um conceito importante para compreender a política externa dos EUA até os dias atuais.

histórico tem sido sempre em termos de alguns membros das áreas costeiras aliados à Inglaterra contra algumas nações dessas mesmas regiões aliadas à Rússia, ou, ainda, Inglaterra e Rússia juntas contra um poder dominante na área costeira."

As guerras do século XX parecem contrariar a visão de Spykman. Adiante voltaremos ao assunto.

A análise da geopolítica nos Estados Unidos não estaria completa sem uma referência a **Ray S. Cline**¹⁹. Em sua fórmula famosa $Pp = (C + E + M) \times (S + W)$, **Pp** é o poder percebido de uma nação; **C** é a massa crítica, baseada na quantidade de território sob o controle do Estado e o número de pessoas suportadas economicamente por este território; **E** é uma medida do poder econômico do país, levando-se em conta o que foi realizado pela população no território disponível, através de parâmetros como o Produto Nacional Bruto, o grau de estatização ou de liberalização da economia, os fatores específicos de produção, tais como energia, minerais cruciais não-combustíveis, aço, alimento e comércio internacional; **M** representa a capacidade militar do país, levando-se em conta a capacidade e as características do arsenal nuclear e das forças convencionais (gastos, efetivos, capacidade de emprego global e potencial para exercer o controle do mar); **S** representa a estratégia nacional, refletindo o grau com que a população compartilha dos objetivos comuns da nação; **W** representa a vontade nacional, isto é, a eficiência, o grau de entusiasmo com que o país persegue a sua estratégia nacional.

Na fórmula de Clay, apesar da subjetividade de certos coeficientes, especialmente o **S** e o **W**, que têm enorme importância para

determinar o **Pp**, é a soma deles que vai ser o multiplicador de $(C + E + M)$, valores mais tangíveis e mais facilmente mensuráveis. Adotando um valor máximo 1 tanto para **S** como para **W** ($S + W = 2$), Clay evidentemente valoriza mais a estratégia e a vontade nacionais que os elementos meramente geopolíticos de sua fórmula. De qualquer maneira, mesmo discordando-se dos valores atribuídos por Clay aos diversos países, a fórmula é útil e pode ajudar um país na formulação de suas políticas nacionais.

Segundo Clay, a soma $(C + E + M)$ para o Brasil é 16, o que deixaria o país em 9º lugar, junto com a Índia (aproximadamente a nossa atual posição entre as maiores economias do mundo); para **S** ele atribui ao Brasil o valor de 0,5 e para **W** de 0,8, o que dá a soma de 1,3 para $S + W$, dando-nos, pois, um Poder Percebido de 20,8, em 6º lugar no geral, atrás apenas da Rússia, EUA, Alemanha (à época apenas a República Federal), França e China (sem incluir Taiwan).

No meu entender, o valor de **W** hoje estaria exagerado, não correspondendo à realidade atual (à época dos governos militares, especialmente no período do "milagre brasileiro", possivelmente o 0,8 estaria correto).

POTÊNCIA TERRESTRE E POTÊNCIA MARÍTIMA

O Almirante francês **Raoul Castex** (1878 – 1960), cuja principal obra é *Teorias Estratégicas* – diversos volumes publicados no período entre 1929 e 1935 –, desenvolveu uma teoria geopolítica de certo interesse, que está em oposição às idéias de Spykman, embora limitada apenas à análise das guerras do século XX.²⁰

19 Cline, Ray S. *World Power Assessment – A Calculus of Strategic Drift*. The Center for Strategic and International Studies, Washington (USA), 1975, 173p.

20 A obra de Castex precedeu a de Spykman.

Para Castex²¹, a história das guerras do século XX demonstra que elas envolvem sempre um conflito entre o poder continental, o dono da terra, e o poder marítimo, o dono do mar. Foi assim na Primeira Guerra Mundial, quando os países centrais, sob a liderança da Alemanha, representando o poder terrestre, enfrentaram os aliados, que, com a Inglaterra e os Estados Unidos, representavam o poder marítimo.

A Segunda Guerra Mundial nada mais seria do que uma repetição do que ocorreu na Primeira Guerra Mundial, reforçando, portanto, o pensamento de Castex.

Também a Guerra Fria confirmaria a tendência, com os Estados Unidos e seus aliados representando o poder marítimo e a União Soviética o poder continental.²²

A análise desses conflitos levou Castex a concluir pela vulnerabilidade das nações marítimas diante das nações continentais, em face da dependência das primeiras das comunicações marítimas, sempre difíceis de defender. Para ele, a guerra de curso desencadeada pela Alemanha nas duas guerras mundiais contra o tráfego marítimo aliado, que quase determinou a vitória alemã nas duas ocasiões, sustentava o argumento.

Mais tarde, porém, ele reconheceu que o poder terrestre ficava também vulnerável diante do poder marítimo, graças à capacidade deste de projetar o poder naval sobre terra – através, por exemplo, de incursões

anfíbias; ataques com a aviação embarcada ou com mísseis de longo alcance lançados de plataformas marítimas ou submarinas contra objetivos no interior; apoio de fogo naval etc. A existência de submarinos de propulsão nuclear, armados com mísseis estratégicos de ogivas múltiplas, dá à projeção do poder naval uma dimensão extraordinária, assim como a existência dos grandes navios-aeródromos, já que são dotados de grande número de aviões, que, inclusive, podem transportar armas nucleares ou modernas bombas inteligentes, interceptar os bombardeios que tentem se aproximar da força naval, prover alarme aéreo antecipado para esta mesma força, realizar patrulha anti-submarino e conduzir guerra eletrônica.

GEOPOLÍTICA NO BRASIL²³

Os predecessores da geopolítica no Brasil eram instintivos, já que a geopolítica ainda não existia.

O historiador seiscentista **Gabriel Soares de Souza**, em seu livro *In Tratado Descritivo do Brasil-Proêmio*, relatando a visita feita ao Brasil, diz de forma prospectiva:

“Está capaz para se edificar nele um grande império, o qual com pouca despesa destes reinos se fará tão soberano que será um dos Estados do Mundo.”

21 Lacoste, Pierre. *Estratégia Naval*, Imprensa da Armada de Chile, Valparaíso, 1982, 317 p.

22 A partir da crise dos mísseis de Cuba, em 1982, a União Soviética procurou desenvolver o seu poder marítimo de forma a poder fazer frente aos EUA em qualquer parte do mundo, o que, se tivesse sido alcançado, dando-lhe também características de potência marítima, modificaria a generalização de Castex, já que o confronto se daria entre duas potências marítimas. A meu ver, porém, apesar do esforço do mahaniano Gorshkov para desenvolver o poder naval da URSS, esta, na sua estratégia global, sempre atuou como potência terrestre, possivelmente por não depender, como era o caso das potências verdadeiramente marítimas, do tráfego marítimo para o seu abastecimento e para o seu comércio em geral, já que, dominando boa parte da Europa, exatamente o “heartland” definido por Mackinder, era antárquica, auto-suficiente.

23 Mattos, Carlos de Meira. “A Geopolítica Brasileira – Predecessores e Geopolíticas”, *Revista da Escola Superior de Guerra*, Ano XVII, n° 39-2000, p.58-82.

José Bonifácio, em 1821, no documento "Lembranças e Apontamentos", preparava para orientar os deputados da Província de São Paulo, eleitos para representar o Brasil na Corte de Lisboa que prepararia a nova Constituição para o Império Português, dá a sua visão do futuro de nosso país, e propõe que seja feita a mudança da capital para o interior do País – curiosamente, para um local pouco ao sul da atual

Brasília –, de modo que "desta Corte central dever-se-ão logo abrir estradas para as diversas províncias e portos de mar, para que se comuniquem e circulem com toda prontidão as ordens do governo, e se favoreça por elas o comércio do vasto Império do Brasil".

Quando da Independência do Brasil, José Bonifácio foi o estadista que visualizou que o império seria o instrumento político capaz de manter unido o Brasil, evitando que ele se desmembrasse em diversos

pequenos Estados, como acontecera com a América Espanhola, e que, em face das dificuldades de comunicação terrestre entre as diversas províncias, a existência de uma esquadra poderosa era o instrumento essencial para garantir essa união, tanto na fase de consolidação da independência como, posteriormente, no período conturbado que se seguiu à Independência²⁴.

O último precursor, segundo o General Meira Mattos, foi **Alexandre de Gusmão**, o inspirador do Tratado de Madrid, de 1750, que, adotando o princípio do *utis possidetis*, legitimou as conquistas dos bandeirantes paulistas e nortistas que, até então, eram contestadas pelos espanhóis. Graças ao pioneirismo de Pedro Teixeira e Raposo Tavares, a Amazônia tornava-se, em grande parte, legalmente brasileira.

Já tivemos ocasião de salientar que, sob a influência da escola francesa, diversos geógrafos brasileiros fizeram importantes monografias sobre algumas regiões do Brasil, mais classificadas no âmbito da geografia política do que no da geopolítica.

Na década de 20, surgem os primeiros trabalhos de geopolítica no Brasil, com fundamentos na escola alemã. O professor **Everardo Backheuser** foi o teórico da geopolítica brasileira, dando-lhe método, sistematizando-a. No seu li-

vro *Geopolítica Geral do Brasil*, influenciou o governo para o estabelecimento de uma nova política de fronteiras e para a criação de territórios federais nas regiões lindeiras consideradas mais críticas:

"... a fronteira é a epiderme do organismo estatal, captadora das influências e pressões forâneas e, como tal, região

**Em face das dificuldades
de comunicação terrestre
entre as diversas
províncias, a existência de
uma esquadra poderosa
era o instrumento essencial
para garantir essa união,
tanto na fase de
consolidação da
independência como,
posteriormente, no período
conturbado que a ela
se seguiu**

José Bonifácio

24 Vidigal, A. *A Evolução do Pensamento Estratégico Naval Brasileiro*. Biblioteca do Exército Ed. (Bibliex), 3ª edição, Rio de Janeiro, 1985, 151 p.

que deve ficar diretamente subordinada ao poder central, e não às autoridades regionais, que manifestam menor sensibilidade para os seus problemas."

Na década de 30, surge no cenário da geopolítica o então **Capitão Mário Travassos**. Ele aplicou o método de Backheuser ao diagnóstico de nossas potencialidades e, durante cerca de 30 anos, os dois exerceram enorme influência intelectual no País.

Os livros de Travassos, *Projeção Continental do Brasil* (1930) e *Introdução à Política de Comunicações Brasileiras* (1941), tiveram considerável importância para a geopolítica do Brasil, especialmente o primeiro, cuja leitura nos países vizinhos, em especial na Argentina, serviu para alimentar a idéia do "expansionismo brasileiro".²⁵

Em *Projeção Continental do Brasil*, Travassos lança os fundamentos da geopolítica brasileira, traçando os grandes rumos de uma política nacional destinada a levar o Brasil à posição de maior potência sul-americana.

O conceito de "corredores de exportação", carreando para nossos portos os interesses da imensa área interiorana brasileira, antes submetida à atração hidroviária da bacia platina, ajudou-nos a consolidar a nossa integração territorial, além de atrair os interesses das áreas adjacentes dos países vizinhos.

Nas décadas de 40 e 50 surgem outros nomes, como do **Brigadeiro Lysinas Rodrigues**, dos professores **Paulo Henrique da Rocha Correia** e **Cassiano Ricardo**, culminando com o do então **Tenente-Coronel Golbery do Couto e Silva**, que, em 1976, condensou todos os seus escritos no livro *Geopolítica do Brasil*.

A radiografia do Brasil feita por Golbery é sintetizada por Meira Mattos:

"— na verdade, o Brasil é bem um "império", vasto império compacto, de ampla frente marítima e dilatada fronteira continental, eqüidependentes quase em torno do eixo de simetria norte-sul, que vai do cabo Orange à barra do Chuy;

— a frente marítima ocupa uma posição um tanto original no caprichoso contorno do oceano mundial, em que o Atlântico Sul não é mais do que um golfo ainda excêntrico;

— a fronteira terrestre estende-se, em grande parte, através do deserto que a hileia

domina como vasto cinturão protetor;

— essas condições favoráveis de início é que asseguram o indispensável grau de imunidade a ações de conquista, mantidas em potência, provindas do exterior. É, de fato, a própria insularidade em proporções continentais."

Nos anos 70, aparecem os estudos da professora **Terezinha de Castro**. Certamente a maior contribuição que ela deu está na sua defesa da presença brasileira na An-

Qualquer, porém, que seja o sentido estabelecido para o termo "geopolítica", o mundo está consciente do valor da geografia para o governo

25 Impressionado com as freqüentes referências a Mário Travassos por amigos argentinos, procurei em muitas livrarias do Brasil comprar um exemplar da *Projeção Continental do Brasil*, sem qualquer sucesso. Consegui, porém, um exemplar em espanhol na primeira livraria de Buenos Aires em que tentei adquiri-lo: *Proyección continental del Brasil*, General Mario Travassos, Talleres Gráficos Yunque, Buenos, 1978, 103 p.

tártida, inspirando a ação prática do Almirante Maximiano da Silva Fonseca, que, quando ministro, a concretizou. A enorme importância estratégica da Antártida, em função de sua posição de defrontação com todo o hemisfério sul do planeta, e suas imensas reservas minerais e de água doce, possivelmente um problema muito grande na segunda metade deste século, tornavam criminosa a nossa omissão relativamente ao gigantesco continente.

Terezinha de Castro foi pioneira em reivindicar para o Brasil uma área na Antártida, pelo princípio da defrontação, já aplicado para definir os direitos no Ártico. Os países membros do Tratado da Antártida têm concordado, porém, em adiar a discussão sobre a partilha da Antártida, havendo uma inequívoca tendência para a sua internacionalização.

A sobreposição de diversas pretensões levaria, muito provavelmente, ao conflito entre os postulantes, daí a tendência para a internacionalização.

O General Meira Mattos é outro ilustre geopolítico brasileiro da atualidade, tendo publicado inúmeros livros e ensaios. Suas obras da década de 70 – *Brasil, Geopolítica e Destino* e *A Geopolítica e as Projeções de Poder* – refletem o otimismo do período, quando a economia do País crescia a uma taxa de 10% ao ano, o que levou-o a crer que o Brasil, definitivamente,

te, iniciava a arrancada para atingir a condição de potência mundial.

Na década de 80, seu livro *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*²⁶ é uma discussão apaixonada sobre o Pacto Amazônico, assinado em Manaus, em 1978, e a possibilidade real do estabelecimento de uma estratégia regional visando à proteção dessa área tão ambicionada internacionalmente, a assegurar a preservação equilibrada da natureza na região e a promover o progresso econômico e social da Amazônia.²⁷

Tanto Terezinha de Castro como Meira Mattos têm, em seus mais recentes trabalhos, reconhecido a necessidade de equilibrar o conceito da territorialidade do Brasil

com o da sua maritimidade. A globalização e a crescente melhoria das nossas relações com todos os vizinhos dão uma crescente importância à nossa maritimidade.²⁸

Sem dúvida alguma, é a geopolítica que impõe ao Brasil a formulação de uma política e de uma estratégia voltadas para a Amazônia

UMA AVALIAÇÃO

O predomínio da escola alemã liderada por Haushofer, a partir da década de 20, por um período que se estendeu por cerca de 20 anos, marcou a geopolítica como um instrumento não-científico, elaborado com o intuito único de encontrar justificativa para o expansionismo alemão. Tal crença predominou nos países de língua inglesa, que não conheciam na íntegra os trabalhos dos geopolíticos alemães, e persistiu apesar da falta de uma análise criteriosa dos

26 Mattos, Meira (Gal.). *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*. Bibliex, RJ, 1980, 216 p.

27 A Amazônia a que se refere o Pacto, além da inclusão dos seis países que fazem parte da bacia hidrográfica do Rio Amazonas, inclui ainda a República da Guiana e o Suriname. A Guiana Francesa não é abrangida pelo Pacto. No momento em que as pressões para a internacionalização se fazem mais fortes, o revigoramento do Pacto Amazônico deve ser uma política do Estado brasileiro.

28 Terezinha de Castro propôs em trabalho recente o termo oceanopolítica, em face da importância do mar nos estudos geopolíticos.

textos, atrasando em muitos anos os estudos de geopolítica nesses países.

Isso é lamentável porque estudiosos mais sérios de geografia política poderiam ter posto, na verdadeira perspectiva, a força relativa das nações com relação à posição estratégica, deixando claro que o meio ambiente natural nem mede completamente a capacidade humana nem determina o curso da ação humana coletiva. Os geopolíticos alemães falsamente interpretaram que o poder político dependia inteiramente dos recursos naturais, estatisticamente computados. Para eles, os recursos naturais totais de um país, multiplicados por um fator que corresponderia à intensidade do uso de cada um dos fatores, combinados com o número de habitantes, seriam suficientes para definir o poder político e o poder militar da nação. O mito da superioridade racial dos arianos os cegou para as forças intangíveis geradas pela vida comum de um povo dentro de uma nação.

O nome "geopolítica" adquiriu uma conotação tão odiada que, para muitos, ele é inadequado para ser associado a termos científicos respeitáveis. Sendo o único nome disponível para designar a pseudociência alemã, foi sugerido que ele somente deveria ser usado para designar aquele movimento. Entretanto, o termo se adequa, com mais rigor do que qualquer outro, para definir a maior parte dos escritos que tentam aplicar "geografia política" aos

problemas de uma dada nação. A expressão "geografia política aplicada" é mais adequada para estudos de valores amplos e a aplicação da geografia para a vida política em geral, vista sem nacionalismos.

Qualquer, porém, que seja o sentido estabelecido para o termo "geopolítica", o mundo está consciente do valor da geografia para o governo.

Embora possa-se dizer que nenhum aspecto da geopolítica da escola alemã é totalmente aceitável no mundo em geral, é inegável que muitas das suas idéias, em-

bora com algumas modificações, fazem hoje parte do conhecimento humano.

A geopolítica implica no conhecimento sistemático e detalhado da terra, preparado para uso dos governos. Na paz como na guerra, as nações podem se beneficiar do conhecimento de como as fontes de riqueza estão distribuídas. O levantamento geográfico feito por uma agência do governo tem utilidade permanente e universal.

A porção do território controlada por cada nação é um as-

sunto que envolve tanto a geografia como o governo. Kjellén reconheceu isso ao descrever a posição de poder dos oito Estados mais poderosos no limar da Primeira Guerra Mundial, e Haushofer sublinhou esse fato nos três volumes da revisão e suplementação de pós-guerra de seus trabalhos. Se, portanto, a distribuição de território e recursos entre as nações for medi-

**A globalização é apenas
uma outra forma de
dominação, já que os fortes
— por terem melhor infra-
estrutura e tecnologia,
maior capacidade de
gerenciamento e acesso
mais fácil ao capital, e,
principalmente, porque
apesar do discurso liberal
utilizam práticas
protecionistas — continuam
prevalecendo sobre os
fracos**

da antes da guerra, cada um dos Estados poderá ter um retrato verdadeiro dos fundamentos materiais de seu próprio poder e das potências rivais. Desde que a análise seja objetiva, correspondente aos fatos, e não tendenciosa, devido a dogmas, ela, embora ainda não considerando os fatores intangíveis, que têm importância fundamental, é útil ao Estado para o planejamento de sua política externa.

Planejamento é um objetivo prioritário dos que advogam que a geopolítica deve ser adotada por todo o mundo. Para eles, uma nação deve formular sua política nacional somente após uma devida avaliação de seu ambiente natural, condição inescapável para definir sua posição de poder. Sem dúvida alguma, é a geopolítica que impõe ao Brasil a formulação de uma política e de uma estratégia voltadas para a Amazônia. Esses novos geopolíticos diferem-se dos geopolíticos alemães por evitar a fraseologia ambígua e rejeitar as falsificações deliberadas.

O estudo adequado da geopolítica está colocando em verdadeira perspectiva o poder relativo das nações, levando-se em conta a sua posição estratégica, seus recursos naturais, e sua capacidade produtiva, deixando claro que o meio ambiente nem mede totalmente a capacidade humana nem determina o curso da ação de uma coletividade. Assim concebida, a geopolítica é um instrumento útil para uma análise prospectiva da nação, ajudando a formulação

de uma política e de uma estratégia que levem à consecução de objetivos estabelecidos de forma realista.

Com o fim do imperialismo e a derrota dos países expansionistas no fim da Segunda Guerra Mundial, tem início um processo que veio valorizar alguns fatores geoeconômicos que passam a coexistir com os fatores geopolíticos na orientação da política nacional. Os fatores geoeconômicos²⁹ – que se relacionam com a boa atuação da economia do país, sua coesão social e sua capacidade de enfrentar a competitividade econômica – têm agora um papel relevante na definição da política e estratégia do Estado, num mundo cada vez mais globalizado. A necessidade de eliminar todas as barreiras para o livre trânsito de mercadorias e bens entre os países, estabelecendo a livre concorrência, está levando à criação de um mercado mundial único, característico de um processo de globalização econômica. Esse processo

O Poder Aéreo não conduz a uma visualização distinta do globo terrestre, acrescentando apenas uma terceira dimensão aos cenários propostos por Mackinder e Mahan

substituiu o antigo conceito geopolítico que qualificava o país pela sua capacidade de adquirir e conservar território, tão característico do imperialismo. Para muitos, porém, a globalização é apenas uma outra forma de dominação, já que os fortes – por terem melhor infra-estrutura e tecnologia, maior capacidade de gerenciamento e acesso mais fácil ao capital, e, principalmente, porque apesar do discurso liberal utilizam práticas protecionistas – continuam prevalecendo sobre os fracos. A extensão da

29 "From Geopolitics to Geo-Economics – Egyptian National Security Perceptions", Abdel Monem Said Aly, p.17-30, in *National Threat Perceptions in the Middle East*, Research Papers, United Nations Institute for Disarmament Research (UNIDIR), United Nations, New York-Geneva, 1995, 110 p.

globalização para outras áreas – política, cultural etc. – representa uma outra ameaça ao mundo em desenvolvimento, pondo em cheque sua soberania e sua identidade cultural. Muito possivelmente, a raiz do terrorismo internacional, que levou aos atentados de 11 de setembro de 2001 contra o World Trade Center e o Pentágono, está relacionada com a política imperial da potência hegemônica e com a mundialização.

Uma questão atual, decorrente da enorme evolução da aviação, diz respeito à influência do **Poder Aéreo** sobre os conceitos geopolíticos tradicionais. As opiniões dos analistas são variadas e contraditórias.

É óbvio que, no que concerne à Estratégia, o advento do Poder Aéreo, como aliás o de qualquer revolução tecnológica de

vulto – o aparecimento do armamento nuclear, dos mísseis balísticos de múltiplas cabeças de combate, do submarino nuclear etc. –, traz mudanças profundas, exigindo uma completa reformulação dos conceitos antes vigentes.

No que se refere aos conceitos geopolíticos, compartilhamos do ponto de vista dos que acreditam que o Poder Aéreo não conduz a uma visualização distinta do globo terrestre, acrescentando apenas uma terceira dimensão aos cenários propostos por Mackinder e Mahan. As análises geopolíticas não poderão ignorar a existência desse Poder, mas os fatores geopolíticos não mudarão substancialmente. Certamente o conceito da inacessibilidade do “*heartland*” aos poderes situados no Crescente Exterior já não é válido.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ARTES MILITARES> /; Geopolítica /; Ratzel, Friederick; Kjellern, Rudolf; Hanshofer (Gen.); Hess, Rudolf; Hitler, Adolf; de la Blanche, Paul Vidal; Brunches, Jean; Gallois, Lucien; Mahan, Alfred Thayer; Corbett, Julian Stafford; Mackinder, Harold John; Spykman, Nicholas J.; Cline, Ray S.; Castex, Raoul; Souza, Gabriel Soares de; Silva, José Bonifácio de Andrada e; Gusmão, Alexandre de; Backheuser, Everardo; Travassos, Mário (Cel.); Silva, Golbery do Couto e (Ten. Cel.); Castro, Terezinha; Mattos, Meira (Gal.);

MATURIDADE

Depois de algum tempo, você aprende que não importa onde já chegou mas aonde está indo.

William Shakespeare